

jogo da mina no estrela bet

<p>De dois em dois anos, a frase de Brecht, "infeliz do país que precisa de heróis", perde a validade.</p><p>Entre Copas e Olimpíadas, o esporte reina soberano e os atletas se transformam em protagonistas de um dos maiores espetáculos sociais do mundo contemporâneo, exibidos como grandes heróis, capazes de proezas vetadas aos mortais comuns que os vemos pela TV.</p><p>No Brasil, país do anti-herói, essa condição heróica do esportista ganha contornos próprios.</p><p>"Para pobres e negros, a prática esportiva permitiu que pudessem conquistar a liberdade que possivelmente em outras atividades não teriam.</p><p>No Brasil, por influência da mídia, a população passou a crer na vitória esportiva como afirmação de uma identidade nacional, de igualdade ou superioridade, perante aqueles que detêm a hegemonia pela força ou poder econômico", explica Kátia Rubio, cuja tese de livre-docência, Do atleta à instituição esportiva: o imaginário esportivo brasileiro (apoiada pela FAPESP), traz uma radiografia do imaginário olímpico nacional a partir das histórias de vida dos atletas, segundo a autora, "um mosaico de lembranças e imagens para chegar à representação que a participação olímpica pode ter para um atleta competitivo".</p><p>Para tanto, a pesquisadora foi em busca dos responsáveis pelas 67 medalhas olímpicas brasileiras, a primeira delas conquistada em 1920 por Guilherme Parese, na Antuárpia, na modalidade tiro.</p><p>Curiosamente, dentre essas, apenas cinco foram ganhas em modalidades coletivas.</p><p>"Essa é uma indicação do quanto o esporte nacional sobrevive à custa de esforços individuais, uma vez que o processo de formação de equipes é complexo e envolve mais do que a soma de valores individuais", observa Kátia.</p><p>"Da importância do registro da memória individual como forma de preservar não apenas as lembranças das conquistas pessoais, mas, por meio delas, recuperar a memória do esporte brasileiro", avalia a autora.</p><p>Historicamente, a relação do Brasil e dos brasileiros seguiu de perto a trajetória burguesa do esporte europeu da era moderna, em que a prática esportiva era uma atividade de uma elite que podia se dar ao luxo de praticar o esporte como amador, virtude preconizada pelo olimpismo nascente do Barão de Coubertin.</p><p>"Não por acaso, o primeiro participante brasileiro no Com